

Arthur Conan Doyle

# O VALE DO MEDO

Tradução:

Maria Luiza X. de A. Borges



Título original: *The Valley of Fear*

Copyright desta edição © 2015:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Tamara Sender, Carolina Sampaio

Projeto gráfico: Carolina Falcão

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

Imagem da capa: © ullstein bild/Getty Images

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

Doyle, Arthur Conan, Sir, 1859-1930

D784v O vale do medo/Arthur Conan Doyle; tradução Maria Luiza  
X. de A. Borges. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

il. (Clássicos Zahar; Bolso de luxo)

Tradução de: *The Valley of Fear*

ISBN 978-85-378-1476-5

1. Ficção inglesa. I. Borges, Maria Luiza X. de A. II. Título.  
III. Série.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

---

15-24779

## PARTE I

### A Tragédia de Birlstone

## I. O AVISO

“INCLINO-ME a pensar...”, disse eu.

“É o que eu deveria estar fazendo”, atalhou Holmes, impaciente.

Tenho-me na conta do mais paciente dos mortais, mas admito que fiquei irritado com a interrupção sardônica.

“Francamente, Holmes”, disse eu, muito sério, “às vezes você é um pouco irritante.”

Ele estava absorto demais em seus pensamentos para dar uma resposta imediata à minha censura. A cabeça apoiada na mão, o desjejum intocado diante de si, olhava para o pedaço de papel que acabara de tirar de um envelope. Depois pegou o próprio envelope, ergueu-o para aproximá-lo da luz e estudou minuciosamente tanto o exterior quanto a aba.

“É a letra de Porlock”, disse, pensativo. “Não tenho quase nenhuma dúvida de que é a letra de Porlock, embora só a tenha visto duas vezes. O è grego encimado pelo peculiar floreio é característico. Mas se é de Porlock, deve ser uma coisa de importância capital.”

Ele se dirigia mais a si mesmo do que a mim, mas o interesse que essas palavras despertaram prevaleceu sobre a minha irritação.

“Mas afinal quem é Porlock?” perguntei.

“Porlock, Watson, é um *nom-de-plume*, mero sinal de identificação, mas por trás dele existe uma personalidade escorregadia e ambígua. Numa carta anterior ele me deixou claro que esse não é o seu nome, desafiando-me a descobri-lo algum dia entre os milhões de habitantes desta grande cidade. Porlock é importante não por si mesmo, mas pelo grande nome com que está em contato. Imagine o peixe-piloto com o tubarão, o chocal com o leão – qualquer coisa insignificante em companhia do terrível. Não só terrível, Watson, como sinistro – sinistro no mais alto grau. É por isso que ele entra em meu campo de interesse. Já me ouviu falar do professor Moriarty?”

“O renomado criminoso, tão famoso entre os bandidos quanto...”

“Não me faça corar, Watson!” murmurou Holmes em tom de censura.

“Eu ia dizer quanto desconhecido do público.”

“*Touché!* Bem na mosca!” exclamou Holmes. “Você está desenvolvendo uma inesperada e astuta veia cômica, Watson, da qual preciso aprender a me proteger. Mas ao chamar Moriarty de criminoso você profere uma calúnia aos olhos da lei, e aí estão a glória e o prodígio da coisa! O maior maquinador de todos os tempos, o idealizador de todas as crueldades, o cérebro que controla o submundo, um cérebro que poderia ter feito ou frustrado o destino de nações. Eis o homem. Mas tão distante da suspeita geral, tão imune a críticas... tão admirável em seu controle e capacidade de passar despercebido que, por essas simples palavras que você pronunciou, ele poderia arrastá-lo às barras de um tribunal e sair de lá com direito a

receber sua pensão anual como indenização por danos morais. Não é ele o célebre autor de *A dinâmica de um asteroide*, livro que se eleva a alturas tão rarefeitas da matemática pura que se diz que não há ninguém na imprensa especializada capaz de criticá-lo? Pode-se caluniar semelhante homem? O médico difamador e o professor ultrajado... esses seriam seus respectivos papéis! Isso é gênio, Watson. Mas, se eu for poupado por homens de menor calibre, nosso dia certamente chegará.

“Que eu possa estar lá para ver!” exclamei de coração. “Mas você falava desse homem, Porlock.”

“Ah, sim. O chamado Porlock é um elo na cadeia a pouca distância de sua principal ligação. E, cá entre nós, Porlock não é um elo muito sólido. Ele é a única falha nessa cadeia, até onde pude testá-la.”

“Mas nenhuma cadeia é mais forte que seu elo mais fraco.”

“Exatamente, meu caro Watson. Daí a extrema importância de Porlock. Movido por aspirações incipientes à probidade, e encorajado pelo oportuno estímulo de uma fortuita cédula de dez libras enviada por métodos tortuosos, ele me adiantou uma ou duas vezes informações que tiveram seu valor – aquele valor mais alto que antecipa e evita o crime, em vez de puni-lo. Não resta dúvida de que, se detivéssemos a cifra do código, descobriríamos que esta comunicação é da mesma natureza.”

Mais uma vez Holmes alisou o papel sobre seu prato não usado. Levantei-me e, inclinando-me sobre ele, contemplei a curiosa inscrição que reproduzo abaixo:

---

534	C2	13	127	36	31	4	17	21	41
DOUGLAS			109	293	5		37		BIRLSTONE
26	BIRLSTONE			9	127		171		

---

“Como interpreta isso, Holmes?”

“É obviamente uma tentativa de transmitir uma informação secreta.”

“Mas de que serve uma mensagem cifrada sem a cifra?”

“Neste caso, para nada.”

“Por que ‘neste caso’?”

“Porque há muitos códigos que eu seria capaz de decifrar com a mesma facilidade com que identifico os ‘anônimos’ das colunas de anúncios pessoais: são charadas toscas, que divertem a inteligência sem fatigá-la. Mas isto aqui é diferente. Trata-se sem dúvida de uma referência a palavras na página de um livro. Até saber que página e que livro, estou de mãos atadas.”

“Mas por que ‘Douglas’ e ‘Birlstone’?”

“Claramente porque estas palavras não estão contidas na página em questão.”

“Então por que ele não indicou o livro?”

“Sua sagacidade inata, meu caro Watson, essa astúcia congênita que encanta seus amigos, com certeza o impediria de inserir a cifra e a mensagem cifrada no mesmo envelope. Se ele se extraviasse, você estaria em maus lençóis. Desta maneira, é preciso que ambos se percam para haver algum prejuízo. O segundo correio já está atrasado, e ficarei surpreso se não

nos trazer uma carta explicativa, ou, como é mais provável, o próprio volume a que os números se referem.”

A conjectura de Holmes viu-se confirmada em poucos minutos pela aparição de Billy, o mensageiro, justamente com a carta que esperávamos.

“A mesma letra”, observou Holmes ao abrir o envelope, “é realmente assinada”, acrescentou exultante ao desdobrar a missiva. “Veja, estamos progredindo, Watson.”

Seu semblante anuviou-se, porém, quando correu os olhos pelo conteúdo.

“Mas que decepção! Temo, Watson, que todas as nossas expectativas tenham dado em nada. Espero que esse sujeito, o Porlock, esteja a salvo.”

Caro Mr. Holmes,

Não irei adiante neste caso. É perigoso demais. Ele desconfia de mim. Posso ver que desconfia. Aproximou-se de mim de maneira completamente inesperada quando eu já havia endereçado este envelope com a intenção de lhe enviar a cifra do código. Consegui escondê-lo. Se ele o tivesse visto, as coisas teriam se complicado para mim. Mas li desconfiança em seus olhos. Por favor, queime a mensagem cifrada, que agora não lhe pode mais ter nenhuma serventia.

Fred Porlock

Holmes passou algum tempo enrolando essa carta entre os dedos e franzindo as sobrancelhas, os olhos fixos na lareira.

“Afim de contas”, disse por fim, “isso pode não significar nada. Ele pode estar apenas com a consciência pesada. Sa-



bendo-se um traidor, pode ter lido a acusação nos olhos do outro.”

“O outro sendo o professor Moriarty, presumo.”

“Ninguém menos. Quando alguém daquele bando fala sobre ‘Ele’, sabemos a quem se refere. Há um ‘Ele’ predominante para todos.”

“Mas o que ele pode fazer?”

“Hum! É uma pergunta difícil. Quando o sujeito tem contra si um dos melhores cérebros da Europa, apoiado por todas as forças das trevas, as possibilidades são infinitas. E, de todo modo, nosso amigo Porlock está evidentemente apavorado. Tenha a bondade de comparar a letra no bilhete à do envelope; este último foi sobrescrito, como ele nos conta, antes daquela abor-dagem inoportuna. Uma é clara e firme; a outra, quase ilegível.”

“Mas por que ele escreveu mesmo assim? Por que não desistiu simplesmente?”

“Porque temia que, nesse caso, eu fizesse alguma investigação sobre ele, e possivelmente lhe causasse problemas.”

“Sem dúvida”, respondi. “É claro”, eu pegara a mensagem original em código e a examinava, intrigado. “É de enlouquecer pensar que pode haver um segredo importante aqui nesta tira de papel e que está acima da capacidade humana penetrá-lo.”

Depois de afastar seu desjejum intacto, Sherlock Holmes acendera o cachimbo malcheiroso que era o companheiro de suas meditações mais profundas. “Duvido!” exclamou ele, reclinando-se e fitando o teto. “Talvez alguns detalhes tenham escapado a seu intelecto maquiavélico. Consideremos

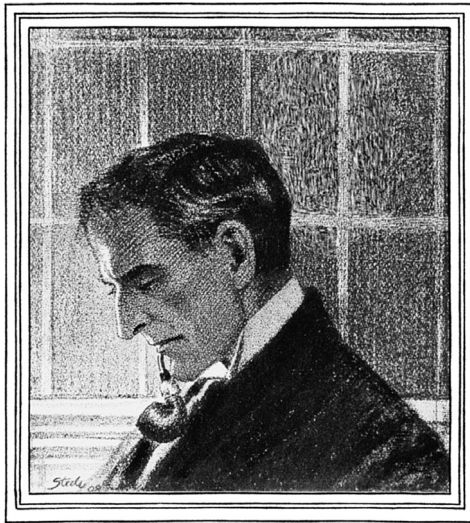
o problema à luz da pura razão. A referência desse homem é a um livro. Esse é nosso ponto de partida.”

“Um ponto um tanto vago.”

“Vejam se é possível delimitá-lo. Quando me concentro nele, parece bem menos impenetrável. Que indicações temos a respeito desse livro?”

“Nenhuma.”

“Ora, ora, as coisas decerto não são tão ruins assim. A mensagem em código começa com um grande 534, não é? Podemos admitir, como hipótese de trabalho, que 534 é a página



“Consideremos o problema à luz da pura razão.” [Frederic Dorr Steele, *Final Adventures of Sherlock Holmes*, vol.I., 1952; reutilização de uma parte da capa para “Vila Glicínia”, publicada em *Collier's*, 1908]

a que o código se refere. Portanto nosso livro já se tornou um livro volumoso, o que sem dúvida representa um avanço. Que outras indicações temos com relação à natureza desse livro *volumoso*? O sinal seguinte é C2. O que acha disso, Watson?”

“Capítulo dois, na certa.”

“Difícilmente, Watson. Você há de concordar comigo que, se a página foi dada, o número do capítulo é irrelevante. Além disso, se a página 534 nos leva apenas ao segundo capítulo, o tamanho do primeiro deve ser realmente intolerável.”

“Coluna!” exclamei.

“Brilhante, Watson. Você está cintilando esta manhã. Ou muito me engano, ou é mesmo coluna. Portanto agora, como vê, começamos a visualizar um livro volumoso impresso em duas colunas, ambas de tamanho considerável, uma vez que uma das palavras é indicada no documento como a de número 293. Teremos chegado ao limite do que a razão pode fornecer?”

“Creio que sim.”

“Com certeza está sendo injusto consigo mesmo. Mais um lampejo, meu caro Watson, mais uma onda cerebral! Se o volume em questão fosse fora do comum, ele o teria enviado para mim. Em vez disso, pretendia, antes que seu plano fosse frustrado, enviar-me a chave do código neste envelope. É o que diz no bilhete. Isso parece indicar que se trata de um livro que, na opinião dele, eu não teria dificuldade em encontrar sozinho. Ele o tinha, e imaginava que eu o teria também. Em suma, Watson, é um livro muito comum.”

“O que você diz certamente soa plausível.”

“Portanto restringimos nosso campo de busca a um livro volumoso, impresso em duas colunas e de uso generalizado.”

“A Bíblia!” exclamei, triunfante.

“Bom, Watson, muito bom! Mas, se me permite dizê-lo, ainda não o suficiente! Mesmo que eu aceitasse o elogio para mim mesmo, teria dificuldade em citar um volume que um dos associados de Moriarty menos tenderia a ter à mão. Além disso, as edições da Sagrada Escritura são tão numerosas que ele dificilmente poderia supor que dois exemplares teriam a mesma paginação. Este é sem dúvida um livro padronizado. Ele tem certeza de que sua página 534 coincidirá exatamente com a minha página 534.”

“Mas poucos livros atenderiam a esse critério.”

“Isso mesmo. E aí reside a nossa salvação. Nossa busca fica restrita aos livros padronizados que supostamente todos possuem.”

“Bradshaw!”

“Difícil, Watson. O vocabulário de Bradshaw é vigoroso e conciso, mas limitado. É provável que a seleção de palavras não se prestasse ao envio de mensagens gerais. Vamos eliminar o Bradshaw. O dicionário, creio, é inadmissível pela mesma razão. O que nos resta então?

“Um almanaque!”

“Excelente, Watson! Ou muito me engano, ou acertamos na mosca. Um almanaque! Consideremos as credenciais do *Whitaker’s Almanack*. É consultado por todos. Tem o número de páginas requerido. É diagramado em duas colunas. Embora costumasse usar um vocabulário reduzido, tornou-se, se me

lembro bem, bastante prolixo ultimamente.” Pegou o volume sobre a escrivania. “Aqui está a página 534, coluna dois, um substancial bloco de texto tratando, pelo que vejo, do comércio e dos recursos da Índia britânica. Anote as palavras, Watson! A número 13 é ‘Mahratta’, o que não me parece um começo muito auspicioso. A número 127 é ‘Governo’, o que pelo menos faz sentido, embora seja um tanto irrelevante para nós e para o professor Moriarty. Agora tentemos de novo. O que faz o governo de Mahratta? Ai de mim! A palavra seguinte é ‘cerdas de porco’. Estamos fritos, meu bom Watson! Acabou!”

Falara em tom brincalhão, mas a contração de suas bastas sobrancelhas traía desapontamento e irritação. Fiquei sentado, impotente e infeliz, contemplando o fogo. Um longo silêncio foi quebrado por uma súbita exclamação de Holmes, que correu para um armário, do qual voltou com um segundo volume de capa amarela na mão.

“Pago o preço, Watson, por estar excessivamente atualizado!” exclamou. “Estamos à frente de nosso tempo, e sofremos as punições usuais. Sendo hoje 7 de janeiro, já tratamos de adquirir o novo almanaque. É mais que provável que Porlock tenha tirado sua mensagem do antigo. Sem dúvida é o que nos teria dito, caso houvesse escrito a carta explicativa. Agora vejamos o que nos reserva a página 534. A palavra número 13 é ‘agora’, o que é muito mais promissor. A número 127 é ‘é... ‘agora é...’” – os olhos de Holmes faiscavam de emoção, e seus dedos finos e nervosos crispavam-se enquanto ele contava as palavras – “‘perigo’. Ah! Ah! Excelente! Anote isso, Watson. ‘Agora é perigo-pode-vir-sem-demora-um.’ Depois

temos o nome ‘Douglas’ – ‘rico – interior – agora – na – casa – Birlstone – em – Birlstone – confiança – é – urgente’. Pronto, Watson! O que pensa da pura razão e de seus frutos? Se por acaso o verdureiro vender coroas de louros, mande o Billy comprar uma.”

Eu olhava para a estranha mensagem que anotara, tal como decifrada por ele, numa folha de papel ofício sobre o meu joelho.

“Que maneira esquisita, arveçada, de exprimir uma ideia!” observei.

“Ao contrário, ele se saiu extraordinariamente bem”, retrucou Holmes. “Quando examinamos uma única coluna à procura de palavras para exprimir nosso pensamento, decerto não podemos esperar encontrar tudo de que precisamos. Temos de deixar alguma coisa por conta da inteligência do nosso correspondente. O sentido está perfeitamente claro. Alguma crueldade está sendo tramada contra um certo Douglas, seja ele quem for, residente onde indicado, um rico fidalgo do interior. Ele tem certeza – ‘confiança’ foi a palavra mais próxima de ‘certeza’ que encontrou – de que é urgente. Aí está nosso resultado, e foi um exerciciozinho de análise primoroso.”

Holmes era tomado pela alegria impessoal do verdadeiro artista com sua melhor obra, assim como sofria amargamente quando ela ficava aquém do nível elevado a que aspirava. Ainda se regozijava com seu sucesso quando Billy abriu a porta e o inspetor MacDonald da Scotland Yard foi introduzido na sala.

Naquela época, fim da década de 1880, Alec MacDonald ainda estava longe de atingir a fama nacional de que desfruta

hoje. Era um membro jovem mas digno de confiança da brigada de detetives, que se distinguira em vários casos a ele entregues. Sua figura alta e ossuda sugeria excepcional força física, ao passo que o crânio volumoso e os olhos brilhantes e fundos revelavam não menos claramente a arguta inteligência que faiscava detrás de suas bastas sobrancelhas. Era um homem de poucas palavras, preciso, com uma natureza melancólica e forte sotaque de Aberdeen.

Já por duas vezes em sua carreira Holmes dera-lhe uma mãozinha, tendo como única recompensa o prazer intelectual de solucionar um enigma. Por essa razão, a afeição e o respeito que o escocês nutria pelo colega amador eram profundos, e ele os demonstrava pela simplicidade com que o consultava em todas as dificuldades. A mediocridade não vê nada mais elevado que ela mesma, mas o talento reconhece o gênio instantaneamente, e MacDonald tinha talento suficiente para perceber que não havia nenhuma humilhação em buscar o auxílio de alguém que já não tinha rivais na Europa, tanto por seus dotes quanto por sua experiência. Holmes não era propenso à amizade, mas tratava o escocês grandalhão com benevolência, e sorriu ao vê-lo.

“Acordou cedo hoje, Mr. Mac”, disse-lhe. “Deus ajuda a quem cedo madruga, mas temo que isso signifique alguma complicação à vista.”

“Se tivesse dito ‘espero’ em vez de ‘temo’, creio que estaria mais perto da verdade, Mr. Holmes”, respondeu o inspetor com um sorriso sagaz. “Bem, talvez um golezinho ajude a dissipar a friagem da manhã. Não, não fumo, obrigado. Vou ter de ir



“O inspetor fitava com um olhar de absoluto assombro um papel sobre a mesa. Era a folha em que eu anotara a mensagem enigmática.”

[Frank Wiles, *Strand Magazine*, 1914]

direto ao ponto, porque as primeiras horas de um caso são as mais preciosas, como o senhor sabe melhor que ninguém. Mas... mas...”

O inspetor se calara de repente e fitava com um olhar de absoluto assombro um papel sobre a mesa. Era a folha em que eu anotara a mensagem enigmática.

“Douglas!” gaguejou. “Birlstone! O que é isso, Mr. Holmes? Homem, isso é bruxaria! Por tudo quanto é mais sagrado, onde achou esses nomes?”

“É uma mensagem em código que o dr. Watson e eu tivemos oportunidade de decifrar. Mas por que... o que há de errado com esses nomes?”



Olhando alternadamente para nós dois, aturdido de espanto, o inspetor respondeu: “Só isto: Mr. Douglas, do Solar Birlstone, foi horripelmente assassinado ontem à noite!”